

A prática docente na efetivação da inclusão escolar: As contribuições da ludicidade no ensino e aprendizagem das crianças com síndrome de down na educação infantil

Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra¹,

Feliciano Henriques Veiga²,

Elaine Cristina Freitas Veiga³

¹*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil)*

²*Universidade de Lisboa (Portugal)*

³*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil)*

E-mails rosana.gomes.cintra@gmail.com,

fhveiga@ie.ul.pt,

elainefreitasveiga@hotmail.com

Resumo

O presente estudo tem por objetivo analisar o Estado da Arte que aborda as contribuições do lúdico no ensino aprendizagem e inclusão de crianças com síndrome de Down na educação infantil. Uma das melhores formas de estimulação para as crianças com síndrome de Down é através dos jogos e brincadeiras lúdicas que contribuem no desenvolvimento da autonomia, sendo relevante para a socialização entre a criança com síndrome de Down e seus pares. A inclusão na rede de ensino é um direito da pessoa com deficiência, sendo assegurada por meio da Lei nº 7.853/89, que decreta a obrigatoriedade do fornecimento de vagas na rede regular de ensino para crianças com deficiência e reafirmada através da declaração de Salamanca (1994) que defende a educação para todos. Para essa pesquisa utilizamos o BDTD – Banco Digital de Teses e Dissertações onde fazemos pesquisas de teses e

dissertações a partir de palavras-chave selecionamos os trabalhos que condiziam com o que desejávamos e analisamos seu resumo para a escrita do Estado da Arte, tendo como viés teórico-metodológico a perspectiva histórico-cultural vygotskyana. A partir da pesquisa realizada concluímos que a inclusão e o desenvolvimento das crianças com síndrome de Down é de suma importância em ambientes lúdicos, sendo possível trabalhar atividades que estimulem seu desenvolvimento de forma prazerosa, sem ser cansativo para a mesma.

Palavras-chave: ludicidade, síndrome de Down, educação inclusive, educação infantil.

Abstract

This study aims to analyze the state of the art which addresses the playful contributions in teaching and learning and inclusion of children with Down syndrome in early childhood education. One of the best forms of stimulation for children with Down syndrome is through games and playful banter that contribute in the development of autonomy, being relevant to the socialization of the child with Down syndrome and their peers. The inclusion in the school system is the right of people with disabilities, being assured by Law No. 7,853 / 89, which decrees the compulsory supply of vacancies in the regular school system for children with disabilities and reaffirmed through the Salamanca Statement (1994) which advocates education for all. For this research we use the BDTD - Digital Bank of Theses and Dissertations where we do research theses and dissertations from keywords selected the works that matched what we wanted and analyze your resume for writing the state of the art, with the bias theoretical and methodological historical-cultural perspective Vygotsky. From the survey concluded that the inclusion and development of children with Down syndrome is of paramount importance in recreational environments, and can work activities that encourage its development in a pleasant way, without being tiring for it.

Keywords: playfulness; Down syndrome, including education, child education.

1. Introdução

A presente pesquisa surgiu a partir de questionamentos relacionados à área da Educação Inclusiva e a importância da ludicidade na Educação Infantil com foco na aprendizagem das crianças com síndrome de Down. A escrita e análise desse Estado da Arte vêm com objetivo de elucidar dúvidas e questionamentos acerca do tema contribuições do lúdico no ensino aprendizagem e inclusão de crianças com síndrome de Down na educação infantil.

Por muitos anos a pessoa com deficiência foi vista como pessoa com alguma deformidade física e/ou intelectual, como punição para os pais que cometem pecados.

Instalada na superstição e na ambiguidade, dilacerando-se entre o bem e o mal, entre o imperfeito como presença do demônio e como presença de Deus na diversidade da Natureza, a Idade Média reconhece a existência da alma no deficiente e prescreve ora a dádiva da caridade, ora o açoite. Isto porque, muitas vezes, o deficiente era considerado possuído pelo demônio, pois entendia-se que quando faltavam a razão e a perfeição aí estava o 'mal'. Em consequência eram frequentes os rituais de flagelação (Amaral, 1995, p. 49 como citado em Lins, 2009, p. 36-37).

A sociedade de maneira geral exclui a pessoa com deficiência usando como desculpa a incapacidade dele de se adaptar e de aprender quando, na verdade, a incapacidade está na sociedade que não consegue aceitar a pessoa.

A síndrome se dá na concepção, é a primeira anomalia genética detectada na espécie humana, é congênita, o que resulta entre outras características em deficiência intelectual. Segundo Silva (2005), a presença de 01 cromossomo a mais nas células de um indivíduo acarreta um variável retardo no desenvolvimento físico, funcional e intelectual. Quando esse cromossomo extra localiza-se no par de número 21, este passa a ser, também, uma característica da pessoa com síndrome de Down.

A Síndrome de Down é a síndrome genética de maior incidência, que, na grande maioria dos casos, se caracteriza pela trissomia (ou triplicação) do par de cromossomos 21. Essa diferença genética trará expressões fenotípicas que irão caracterizar os indivíduos com a síndrome tanto do ponto de vista da aparência física, como alterações anatômicas e fisiológicas que irão trazer consequências para o seu desenvolvimento e desempenho intelectual. (Lins, 2009, p. 48)

Os cromossomos recebidos na hora da fecundação são metade passada pelo espermatozoide e a outra metade pelo óvulo. Se alguma célula vier com 24 cromossomos e outra com 23, levará à formação de uma célula com 47 cromossomos. A síndrome ocorre por uma meiose falha do espermatozoide ou do óvulo, o que resulta no excesso de cromossomos, que é a causa da síndrome de Down.

O desenvolvimento da pessoa com síndrome de Down está ligado à motivação e incentivo que elas recebem desde o nascimento, não apenas no âmbito escolar, mas também em casa. Pais e familiares devem estimulá-los a serem independentes, realizando tarefas do seu cotidiano como arrumar sua própria cama, ajudar nas compras e, principalmente, dar voz a eles nas decisões familiares e participantes do seu meio social, pois a pessoa com síndrome de Down, necessita para seu desenvolvimento a possibilidade de convívio social.

As pessoas com síndrome de Down, desde a sua infância, devem ter contato com outras pessoas, devem participar das interações sociais tanto no meio familiar, escolar e social para o seu desenvolvimento.

Os jogos e as brincadeiras colaboram para as crianças com síndrome de Down no aprendizado de regras e sequência. Todo jogo possui regras, mesmo que elas não estejam diretamente óbvias. A forma como cada criança apreende esse conhecimento muda de uma para outra.

O jogo possui uma função cultural e social, está intimamente presente na vida das pessoas, notamos sua grande importância no desenvolvimento das crianças. As crianças com deficiência e seus pais a cada dia que passa exigem seus direitos a participação igualitária em seu ambiente social e escolar, este último alcançado com luta árdua para se ter o direito a matrícula no ensino regular, garantido na Lei. Os professores não podem fechar os olhos para esse público.

O docente da educação infantil deve repensar suas práticas pedagógicas quando se tem a criança deficiente incluída em sua sala, ele tem ao seu lado um grande aliado na hora de promover a aprendizagem dessas crianças e de toda a sua turma, voltado à perspectiva inclusiva, os jogos e as brincadeiras. As brincadeiras lúdicas são ferramentas para a inclusão das crianças com deficiência na Educação Infantil.

Como afirma Freitas (como citado em Lins, 2009), “Em educação não se trata de caracterizar o que é a diversidade e quem a compõe, mas sim de compreender melhor como as diferenças nos constituem como seres humanos”.

Com o objetivo de investigação bibliográfica que enfoca as contribuições da prática docente lúdica no ensino, aprendizagem e inclusão das crianças com síndrome de Down, o artigo constrói-se sob a perspectiva da importância do envolvimento das crianças na escola. Foram feitas pesquisas no BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) nos meses de Dezembro de 2015 e Janeiro de 2016, na presente pesquisa foram selecionados 23 trabalhos, dentre eles 05 teses, 17 dissertações e 3 artigos.

2. Resultados da pesquisa no BDTD – Banco Digital de Teses e Dissertações

Ao total selecionamos 24 trabalhos acadêmicos, 19 dissertações e 5 teses. No BDTD – Banco Digital de Teses e Dissertações primeiramente utilizamos o termo síndrome de Down e Ludicidade, não foi encontrado nenhum trabalho.

O segundo termo utilizado para pesquisa foi síndrome de Down na Educação Infantil, obtivemos 18 trabalhos acadêmicos, destes trabalhos selecionamos os que se aplicavam ao tema da pesquisa, observando título, palavras-chave e resumo, destes 18 trabalhos selecionamos 07, dentre eles 3 Teses de Doutorado e 4 Dissertações de Mestrado.

O terceiro termo utilizado para pesquisa foi Síndrome de Down e Educação Inclusiva, desta pesquisa obtivemos 23 resultados, destes separamos 4 trabalhos para a pesquisa, 1 Tese e 3 Dissertações.

O quarto termo utilizado foi Aprendizagem de crianças com Síndrome de Down, nesta pesquisa surgiu 19 resultados, destes separamos 3 trabalhos, 1 Tese e 2 Dissertações.

Na quinta pesquisa no BDTD foi utilizado o termo Ludicidade na Educação Infantil, nesta pesquisa obtivemos um número maior de resultados 35 trabalhos acadêmicos, para selecionar os trabalhos que serão utilizados observamos as palavras-chave, resumos, selecionando os trabalhos que condiziam com a nossa linha de pesquisa, destes 35 trabalhos foram selecionados 5 trabalhos, todos Dissertações.

Na sexta pesquisa foi utilizado o termo Envolvimento de Alunos na Escola que obteve 298 resultados, para filtrar os trabalhos selecionei a categoria “Educação Especial” com 12 resultados, foi selecionado 1 dissertação.

O sexto termo utilizei Envolvimento de Crianças na Escola que obteve 19 resultados, seleccionando 2 dissertações. O sétimo termo utilizado foi síndrome de Down na escola que obteve 4 resultados, desses 2 dissertações foram seleccionadas.

Quadro I. referente à origem dos trabalhos académicos seleccionados - BDTD

Origem	Programa	Quantidade	Ano
Universidade de São Paulo	Psicologia	1	2004
	Medicina	1	2009
	Educação	1	2011
	Enfermagem	1	2009
	Enfermagem	1	2013
	Psicologia da Educação	1	2007
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Educação	1	2011
Escola Superior de Teologia	Educação Comunitária com Infância e Juventude	1	2011
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Educação	1	2012
	Psicologia	1	2007
Universidade de Brasília	Psicologia	1	2007
Universidade de Lisboa	Educação	1	2013
Universidade Presbiteriana Mackenzie	Educação, Arte e História da Cultura	1	2008
	Distúrbios do Desenvolvimento	1	2009
Universidade do Vale do Itajaí	Educação	1	2005
Universidade Católica do Salvador	Políticas Sociais e Cidadania	1	2009
Universidade Federal da Bahia	Educação	1	2001
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Educação	1	2003
	Educação	1	2008
Universidade Católica Dom Bosco	Educação	1	2005
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Educação	1	2005
Universidade Federal de São Carlos	Educação Especial	1	2011

Fonte: Banco Digital de Teses e Dissertações – BDTD

3. Trabalhos acadêmicos selecionados

A seguir descreveremos a análise que fizemos dos trabalhos selecionados onde fizemos a leitura do resumo dos mesmos e transcrevemos as informações pertinentes para auxílio de futuros estudos. Os trabalhos a seguir dão enfoque a criança com síndrome de Down e sua participação nas salas de Educação Infantil, a importância e o direito delas a inclusão e como a ludicidade contribui para o desenvolvimento e inclusão delas nas instituições de Educação Infantil.

Amaro (2004) traz em sua pesquisa as contribuições das relações no ensino-aprendizagem das crianças deficientes inseridas no ensino regular. Para esta pesquisa ela observou duas crianças, uma com paralisia e outra com síndrome de Down. Foram 8 meses de observação, entrevistas com professores, funcionários da escola e pais, com o objetivo de refletir no cotidiano escolar o respeito a singularidade desses alunos.

Anhão (2009) procura em sua pesquisa as contribuições da inclusão de crianças com síndrome de Down, sua pesquisa se deu em sala de Educação Infantil, com crianças com síndrome de Down de três a seis anos de idade e crianças com desenvolvimento típico, a autora acrescenta que as crianças com síndrome de Down já frequentavam o setor de estimulação precoce da Apae.

[...] o desenvolvimento da criança com SD, nos cinco primeiros anos de vida, está baseado em alguns pressupostos correlacionados ao desenvolvimento considerado típico. De acordo com esses autores, o desenvolvimento motor mostra-se atrasado, da mesma forma que as demais áreas do desenvolvimento; a presença de graus importantes de hipotonia muscular seguramente contribui para este atraso motor. Afirmam ainda que todos os marcos de desenvolvimento motor tendem a surgir mais tarde, com a idade média para sentar-se sozinho ocorrendo por volta dos nove meses (6-16 meses); ficar em pé com apoio por volta dos 15 meses (8-25 meses) e andar por volta dos 19 meses (13-48 meses). (Anhão, 2009, p. 19).

Em sua pesquisa ela não notou grandes diferenças nos grupos pesquisados, a maior diferença foi com relação ao imitar outras crianças, ela notou que as crianças com síndrome de Down imitavam mais seus colegas, uma atitude com menor ocorrência nas crianças com desenvolvimento típico. Outro ponto é estabelecer o contato inicial com outras pessoas, as crianças com síndrome de Down tinham mais facilidade em estabelecer o primeiro contato com uma pessoa do que as crianças com desenvolvimento típico.

Madureira (2014) em sua pesquisa trabalha com os professores da Educação Especial, socialização e identidades profissionais, ela procura identificar as motivações que levam os professores a optarem pela Educação Especial e a mudança de suas concepções pedagógicas com a realização da formação especializada.

Ballaben (2001) traz seu estudo sobre a participação de crianças com síndrome de Down em sala de aula, suas observações foram gravadas e depois transcritas. Ela procurou observar temas muito relevantes como a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem, o material utilizado, a participação desse aluno nas atividades, o material utilizado, entre outras coisas.

Camargo (2011) traz um estudo com relação ao brincar corporal, que ela adaptou do brincar físico em seus estudos, ela busca o trabalho pedagógico na Educação Infantil relacionada ao corpo. Para esta pesquisa ela observou três Centros de Educação Infantil do Paraná, constatando que existe sim a prática da brincadeira livre na Educação Infantil, mas com pouca fundamentação teórica.

Câmera (2011) procura analisar o Lúdico presente nos Currículos da Educação Infantil, ela faz seu estudo baseado na Educação Democrática, as práticas pedagógicas levem em consideração a heterogeneidade cultural da criança, promovendo a aprendizagem das mesmas através das múltiplas linguagens lúdicas.

Campos (2012) fez sua pesquisa em uma sala de aula da Educação Infantil que tinha uma criança com síndrome de Down inserida. A autora notou que apesar da criança estar inserida na sala de aula ela não participava ativamente das atividades, notava a dificuldade da professora em adaptar as atividades pedagógicas para a criança, dificultando o desenvolvimento da mesma. A partir da pesquisa-ação a autora notou a motivação da professora em tentar mudar suas práticas pedagógicas que estavam voltadas para o ensino tradicionalista, voltado à alfabetização.

Castro, Panhoca e Zanolli (2011) em seu artigo tratam da interação comunicativa em contexto lúdico de duas crianças com síndrome de Down, abordam seus comportamentos autísticos e privação de estímulos, é uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo analisar o processo de interação comunicativa entre essas duas crianças.

Menegotto, Martini e Lipp (2010) abordam a inclusão de alunos com síndrome de Down através do discurso dos professores sobre a inclusão. Essa pesquisa é qualitativa e exploratória e contou com a participação de 19 professores de Hamburgo/RS onde muitos professores, em suas falas, mostraram sentimentos de desespero, impotência e incompetência perante a inclusão.

Carvalho (2007) faz um estudo focado na interação social de crianças com Síndrome de Down. Sua pesquisa dá ênfase em três crianças com síndrome de Down entre quatro a oito anos, 1 menina e 2 meninos, também foi observada as turmas as quais essas crianças estão inseridas, foram feitas entrevistas com as professoras regentes e a professora especialista. Na pesquisa ela encontrou dificuldade maior de interação por parte da menina já os dois meninos tiveram uma maior facilidade de convívio um com o outro, já, como a autora diz, o status de deficiente não interferiu na interação das crianças com Síndrome de Down com seus pares na escola.

Coito (2013) em sua dissertação trabalha o autoconceito profissional dos educadores de infância e atitudes face à educação inclusiva, pesquisando como o docente da educação infantil vê a si próprio em termos de autoconceito profissional e ela nos passa qual a pergunta que norteou a sua pesquisa: “Quais os níveis de autoconceito profissional dos educadores de infância e como se relacionam com as atitudes face a educação inclusiva?” fazendo uma pesquisa com 322 profissionais da educação infantil.

Cordazzo e Vieira (2007) defendem a brincadeira e a brincadeira como um recurso de estimulação da aprendizagem das crianças, utilizando a própria motivação das crianças para melhor aproveitamento do brincar enquanto facilitador da aprendizagem.

Dezotti (2011) em sua dissertação trabalha com o indivíduo com síndrome de Down, abordando temas como a história, legislação e a identidade deles. Nessa pesquisa ela estuda as práticas da convivência introduzidas na relação do aluno com síndrome de Down com a escola pública no Estado de São Paulo trazendo as possibilidades no cotidiano escolar. Sua pesquisa é bem ampla, aborda a síndrome de Down, desde as causas aos aspectos afetivos e sociais, a legislação abordando a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outros, as marcas históricas, cotidianas, entre outros temas.

Dias (2013) em seu artigo traz a importância e as contribuições da ludicidade na Educação Infantil. Ela faz um trajeto completo desde a história do brincar e do brinquedo, o lúdico na Educação Infantil, a importância do brincar, entre outras coisas. Conclui que a brincadeira com objetivo pedagógico ajuda no processo de ensino-aprendizagem das crianças, segundo ela, tornando o sujeito consciente do seu papel na sociedade.

Funicelli (2008) traz o estudo sobre as contribuições dos jogos e das brincadeiras no ensino-aprendizagem das crianças na pré-escola. Para ela cabe ao professor

selecionar jogos e brincadeiras de acordo com a idade das crianças, jogos que estimularam a criatividade dessas crianças e contribuíram na aprendizagem das mesmas.

Gândara (2005) volta seu estudo ao desenvolvimento da escrita em uma criança com síndrome de Down na Educação Infantil. A autora teve o total de 168 horas de convivência com a criança em sala de aula. A autora procurou em sua pesquisa identificar elementos que podem servir de base para a intervenção de um mediador que oriente a criança nesse processo, assim a autora ao longo de seu trabalho descreve o desenvolvimento dessa criança com síndrome de Down na compreensão do sistema de representação escrita.

Ciciliato, Zilotti e Mandrá (2010) pesquisam sobre a caracterização das habilidades simbólicas de crianças com síndrome de Down onde elas fizeram um estudo com 26 crianças com idade de 12 a 36 meses, esses dois grupos eram divididos entre crianças com síndrome de Down e crianças com desenvolvimento normal onde a principal diferença que elas encontraram nos grupos foi a manipulação de objetos.

Lins (2009) faz um estudo dos primeiros anos da implantação do Projeto Super (ação) em parceria com a Associação Baiana de síndrome de Down na cidade do Salvador – BH. O Projeto Super (ação) atua na formação de professores e gestores visando à inclusão de crianças com síndrome de Down na rede regular de ensino. “A educação inclusiva é defendida, então, como expressão da compreensão das diferenças, onde a prática profissional se baseia no atendimento individualizado, respeitando as potencialidades e limitações de cada um”. (LINS, 2009, p. 11).

Luiz (2009) pesquisa as experiências de famílias de crianças com síndrome de Down no processo de inclusão na rede regular de ensino. Seu objetivo foi explorar as experiências das famílias no processo de inclusão de crianças com síndrome de Down na rede regular de ensino. A inclusão e o desenvolvimento da criança com síndrome de Down só se dará com um bom diálogo entre a escola e os pais para que o desenvolvimento delas aconteça tanto dentro como fora do ambiente escolar. A autora realizou um estudo de caso de abordagem qualitativa com participação de 11 mães e 1 pai, todas as crianças frequentam a APAE de Ribeirão Preto que ela utilizou a entrevista semiestruturada e o diário de campo para coleta de dados.

Luiz (2013) teve seu estudo focado nas professoras que estão atuando diretamente com crianças com Síndrome de Down do município de Araraquara, - SP, elas trazem seus resultados, que são preocupantes, segundo as professoras que participaram dessa pesquisa não está havendo a inclusão dessas crianças e sim a exclusão das

mesmas. Justificam essa afirmação com o fato de não saberem lidar com as crianças deficientes que chegam a sua sala de aula, as professoras não se sentem preparadas para esses novos desafios que estão enfrentando, com a prática pedagógica aos moldes eu estão sendo construídas ajudam mais na exclusão do que na inclusão dessas crianças em sala de aula.

Michels (2007) faz sua pesquisa voltada a escrita da criança com síndrome de Down, tendo como referencial a teoria histórico-cultural. Para análise a autora levou em conta as relações criança-criança, criança-professora, outro ponto que ela traz é o envolvimento de todos os funcionários na inclusão dessas crianças, apenas o professor se prepara para receber esta criança, mas toda a escola deve participar ativamente deste processo. Para a pesquisa a autora fez entrevistas, analisou avaliações bimestrais e constatou que as crianças com síndrome de Down aprendem sim a escrita na escola, porém no tempo de cada uma delas, com os recursos e apoio necessários para esse fim.

Munhóz (2003) traz a família e suas contribuições para a inclusão de seus filhos com Síndrome de Down. A pesquisa foi feita com três famílias, com filhos com Síndrome de Down, com idades entre três e cinco anos, todas matriculadas na Educação Infantil. A autora entende que todas as famílias possuem particularidades que ajudam a inclusão das crianças com síndrome de Down, para ela a escola deveria adotar medidas para receber não só as crianças como os pais também.

Oliveira e Intra (2007) em seu estudo abordam a brincadeira fantasiada e os medos, esses medos especificamente de uma criança de cinco anos com síndrome de Down que apresentava receios de brincar com adultos e crianças em brincadeiras que estavam fantasiadas, atividades elaboradas na brinquedoteca. Foram feitas interferências pelos pesquisadores trabalhando o plano real e imaginário durante as atividades lúdicas na brinquedoteca com essa criança.

Ribeiro (2001) trabalha a interação no cotidiano da sala de aula da educação infantil como mediação do desenvolvimento e a implicação dos alunos nas atividades curriculares. Na sua dissertação ela aborda o processo de cuidar e educar como prática de interação na Educação Infantil, a prática do docente a frente dessa sala e diversas atividades lúdicas como a música, também faz pesquisa sobre a criança e sua linguagem. Seu Estudo de Caso foi em uma sala com crianças com cinco anos de idade, com duas professoras a frente dessas salas, com foco principal nas práticas interativa e influência que elas exercem no envolvimento da criança com o universo escolar.

Silva (2005) em sua pesquisa traz as relações estabelecidas entre duas crianças com síndrome de Down, matriculadas em salas de Educação Infantil na rede regular de ensino. Foi feito um estudo de caso, com observação, entrevistas e questionários com os resultados a autora observou uma cooperação das crianças, respeito às limitações e respeito às diversidades, mas, para ela, a comunidade escola tem que se envolver mais e incentivar vínculos mais significativos.

Silva (2006) faz sua pesquisa no município de Campo Grande – MS, nesta pesquisa ela aborda o tema jogos e brincadeiras na Pré-Escola, o espaço do lúdico em sala de aula. A autora constatou que as brincadeiras externas, como o parque, não é valorizado na escola, apenas brincadeiras com fundo didático, para ela deve haver uma melhor formação dos professores da Educação Infantil a respeito da ludicidade.

Lucisano, Pfeifer, Pinto, Santos e Anhão (2013) abordam as interações sociais de crianças com síndrome de Down na pré-escola durante suas atividades extracurriculares, o objetivo deles com essa pesquisa foi identificar o processo de interação dessas crianças durante as atividades numa instituição publica de Educação Infantil, ao todo 6 crianças participaram da pesquisa.

Silva (2011) faz um estudo com seis famílias que tem filhos com síndrome de Down, as crianças têm de 1 a 2 anos de idade. A autora foca sua pesquisa nos pais, principalmente no pai que, segundo ela, são esquecidos e tem grande importância na família. Em sua pesquisa ela pode observar como ter um filho com deficiência afeta os pais, em todos os casos autora encontrou mães estressadas, um pai com depressão, mas todos apresentavam baixo níveis de estresse em relação à presença da criança. Foi notado pela autora atraso no desenvolvimento das seis crianças.

Tresoldi (2008) traz a música e suas contribuições para a inclusão. Seu estudo de caso foi com dois alunos deficientes, um com síndrome de Down e outro cego, no município de Cachoeirinha no Rio Grande do Sul. O objetivo dela é analisar as contribuições da dança na inclusão de crianças deficientes numa escola da rede regular de ensino, como a autora mesmo diz, se a música é de grande importância na aprendizagem de crianças e adolescentes de uma forma geral para crianças e adolescentes deficientes não seria diferente.

Vital (2009) em seu estudo ela foca a alfabetização de crianças com Síndrome de Down no Ensino Fundamental da rede regular de ensino e Barueri, em sua pesquisa sobre a quantidade de crianças matriculadas ela encontrou 23 crianças com Síndrome de Down na rede regular de ensino, como ela mesmo disse, o serviço de apoio especializado se mostrou insuficiente para atender a demanda exigida. Em

sua pesquisa ela constatou que independente de sexo, idade ou nível intelectual as crianças tinham o mesmo desenvolvimento de aprendizagem tanto na leitura quanto na escrita, observando isto especialmente nos quartos e quintos anos.

4. Considerações finais

A síndrome de Down é uma deficiência genética mais comum existente. Durante muitos séculos acreditou-se que o sujeito com síndrome de Down não era capaz de aprender e executar tarefas simples do dia-dia, mas após muitos anos de pesquisa foi constatado que possuem total capacidade de fazer tudo que uma pessoa dita normal faz, levando um tempo um pouco maior, com essa afirmação percebemos a importância da estimulação desde os primeiros anos dessa criança, notamos também a importância das práticas pedagógicas planejadas e com objetivo na educação infantil.

Nos séculos XIX e XX as primeiras escolas com atendimento especializado foram criadas para as pessoas com deficiência, mas não como forma de incluir, mas sim de segregar. As escolas especializadas vieram para retirar as pessoas com deficiência do ensino regular efetivando a exclusão.

No Brasil, a educação para as pessoas com deficiência vem sendo tratada desde a Constituição de 1988, no seu inciso III que decreta que o atendimento das pessoas com deficiência deve ser preferencialmente na rede regular de ensino e após isso com a declaração de Salamanca que proclama a educação para todos sem distinções. Mas foi após a Educação Inclusiva entrar na Política Nacional de Educação (2001) que a inclusão passou a ser realmente efetivada.

Vemos que mesmo que esse direito esteja assegurado na Constituição Federal (1988) a educação efetivamente inclusiva passou a ser efetivamente considerada no Brasil a partir de 2001. Em 2003 foi elaborado pelo MEC o Programa de Educação Inclusiva que começou a formar os professores e gestores pensando na inclusão.

Depois de anos de luta por uma educação realmente inclusiva devemos fazer valer isso nas salas de aula, repensando as práticas pedagógicas, pensando em atividades lúdicas que incluía todos que estão na sala de aula, sem discriminação de qualquer tipo, sempre lembrando que todas as crianças são diferentes uma das outras, por isso sempre dizemos que não existe uma receita para se educar, as práticas do docente mudam conforme seus alunos.

Portanto, entendemos que a ludicidade é de grande importância na inclusão das crianças com síndrome de Down, através das brincadeiras e dos jogos as crianças não só adquirem novos conhecimentos, mas também socializam com seus pares.

Compreendemos os jogos e as brincadeiras como produto que se constitui e se constrói nas interações sociais dentro do processo histórico-cultural, promovendo manifestações que desenvolvam percepção, imaginação e criação, processos que humanizam o ser humano.

Através dessa pesquisa compreendemos a ludicidade como forma de incluir as crianças com síndrome de Down e outras deficiências no meio escolar, através dos jogos e brincadeiras as crianças podem trocar experiências riquíssimas entre si, sendo momento de prazer onde a criança aprende, se diverte e socializa com seus pares, o que para Vygotsky (1989) é tão importante.

É de suma importância que as políticas de inclusão sejam de conhecimento não apenas dos docentes, gestores e outras pessoas relacionadas à educação, mas por toda a população para que elas possam fazer valer os direitos das pessoas com deficiência. O conhecimento do direito a educação para todos é necessário para que pais e responsáveis adentrem a instituição pública de ensino para matricular o aluno, público alvo da Educação Especial, possa usufruir dos seus direitos, sem nenhuma forma de discriminação, preconceito ou negligência, ou em alguns casos encaminhados a instituição especializada, é direito da pessoa com deficiência optar por ter seu ensino na escola pública do ensino regular sem nenhuma distinção e com os meios necessários para a permanência nas escolas.

Referências

- Amaro, D. G.** (2004). *Indícios da aprendizagem de crianças com deficiência em escolas de educação infantil: roteiro de observação no cotidiano escolar*. São Paulo, 252p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Anhão, P. P. G.** (2009). *O processador de interação social na inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down em educação infantil*. 88p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Saúde na Comunidade, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Ballaben, M. C. G.** (2001). *A mediação em sala de aula: aspectos relacionados à aprendizagem de alunos com síndrome de Down*. Campinas, SP: [s.n.], 2001.

- Camargo, D.** (2011). *Um olhar sobre o educador da infância: o espaço do brincar corporal na prática pedagógica*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa.
- Câmera, R. S. N.** (2011). *O lúdico no currículo da educação infantil: debates e proposições contemporâneos*. Dissertação (Mestrado em Educação Comunitária com Infância e Juventude) – Escola Superior de Teologia. São Leopoldo.
- Campos, K. P. B.** (2012). *Isabela na escola: desafios e perspectivas para a inclusão de uma criança com Síndrome de Down numa classe comum*. 185f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Carvalho, E. N. S.** (2007). *Interação entre pares na Educação Infantil: exclusão-inclusão de crianças com deficiência intelectual*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília. Brasília.
- Castro, G. S., Panhoca, I., & Zanolli, M. L.** (2011). *Interação Comunicativa em Contexto Lúdico de Duas Crianças com Síndrome de Down, Comportamentos Autísticos e Privação de Estímulos*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (4), 730-738.
- Ciliato, M. N., Zilotti, D. C., Mandrá, P. P.** (2010). *Caracterização das habilidades simbólicas de crianças com síndrome de Down*. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 15(3): 408-14.
- Coito, M. B.** (2013). *Autoconceito profissional dos educadores de infância e atitudes face à educação inclusiva*. 193p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Cordazzo, S. T. D. C., Vieira, M. L.** (2007). *A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento*. *ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA, UERJ, RJ, ANO 7, n. 1*.
- Dezotti, M. C.** (2011). *Indivíduo com síndrome de Down: história, legislação e identidade*. 165p. Dissertação de Mestrado em Educação Especial – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dias, E.** (2013). *A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil*. *Revista Educação e Linguagem*. Vol. 7, n ° 1.
- Funicelli, A. C. dos S.** (2008). *O jogo infantil e a brincadeira numa abordagem sociocultural*. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo.
- Gândara, V. S.** (2005). *Caminhos trilhados na compreensão da representação escrita por uma criança com Síndrome de Down: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí.

- Lins, A. M. F.** (2009). *Políticas públicas para a inclusão de crianças com Síndrome de Down no ensino regular: um estudo sobre o Projeto Super (ação)*. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania) - Universidade Católica do Salvador. Salvador.
- Lucisano, R. V., Pfeifer, L. I., Pinto, M. P. P., Santos, J. L. F., & Anhão, P. P. G.** (2013). *Interações sociais de crianças pré-escolares com Síndrome de Down durante atividades extracurriculares*. Rev Bras Enferm, Brasília. jan-fev; 66(1): 116-22.
- Luiz, F. M. R.** (2009). *Experiências de famílias de crianças com síndrome de Down no processo de inclusão na rede regular de ensino*. 116f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Luiz, F. M. R.** (2013). *Experiência de professoras da educação infantil no processo de inclusão escolas de crianças com Síndrome de Down*. 154f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Madureira, I. P.** (2014). *Professores de educação especial - socialização e identidades profissionais*. Investigar em Educação - IIª Série, Número 2.
- Menegotto, L. M. O., Martini, F. de O., & Lipp, L. K.** (2010). *Inclusão de alunos com síndrome de Down: discursos dos professores*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 22 - n. 1, p. 155-168, Jan./Abr.
- Michels, L. R. F.** (2007). *Aspectos-chave no processo de construção do conhecimento: considerações acerca da aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down no processo de inclusão no ensino regular*. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - PUC. São Paulo.
- Munhóz, M. A.** (2003). *A contribuição da família para as possibilidades de inclusão das crianças com Síndrome de Down*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Oliveira, I. M., & Intra, Z. F.** (2012). *Quando o medo real impossibilita o jogo imaginário: a atividade lúdica e a criança com Síndrome de Down*. Revista FACEVV. Vila Velha. Número 8. Jan/Jun.
- Ribeiro, M. I. S.** (2001). *A interação no cotidiano da sala de aula como mediação do desenvolvimento/implicação dos alunos nas atividades curriculares: um estudo em Educação Infantil*. 156p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Silva, A. P. L. C.** (2005). *O Lúdico na Educação Infantil: concepções e práticas dos professores na Rede Municipal de Campo Grande - MS*. Campo Grande. 187p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.
- Silva, K. S. de B. P.** (2005). *O papel das interações no processo de inclusão de crianças com Síndrome de Down*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

- Silva, N. C. B.** (2011). *Intervenção domiciliar e envolvimento paterno: efeitos em famílias de crianças com Síndrome de Down*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.
- Tresoldi, M. E.** (2008). *Agora, sim, o sol é para todos: a inclusão e a música no município de cachoeirinha (RS)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Veiga, F. H.** (Coord.) (2013). *Psicologia da educação: Teoria, investigação e aplicação - Envolvimento dos alunos na escola*. Lisboa: Climepsi Editora.
- Veiga, F. H.** (2007). *Indisciplina e violência na escola: Práticas comunicacionais para professores e pais* (3ª Edição). Coimbra: Almedina.
- Vital, A. A. F.** (2009). *Educação Especial na perspectiva de Educação Inclusiva: um estudo sobre alunos com Síndrome de Down matriculados no ensino fundamental I*. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo.